

*

A's vezes, ás horas em que a alma se exalta — isto é, ergue-se ou reergue-se — sentimos como que reflexos de verdades.

Os sonhos, as verdades, as agonias produzem esplendores estranhos, como se a alma se tornasse então visionaria — porque é muito velha a phrase pedantesca: *Mens sano in corpore sano*.

Mas o esplendor é ephemero : uma scintella no abysmo.

*

Duas phrases me animam, duas phrases profundas em que se sente sangrar a agonia inteira da Vida :

Só sei, dizia Socrates, que nada sei. E Christo acrescentava : *Amae-vos uns aos outros.*

*

Consolemo-nos, com a boa bebida de Fausto : a Ilusão ..

VICTOR RENNOUCHAMPS.

ECONOMIA DOMESTICA

Papel enrolado

Para se dar ao papel a sua fôrma primitiva, além de outros meios que já indicamos, ha o seguinte, tratando de uma lauda, escripta de ambos os lados; conserval-a suspensa ao vapor de agua quente e passar por cima um ferro de engommar.



CANÇÃO GUERREIRA



— Elles é que são dignos de lastima... Eu cá sigo o meu caminho

— E a tua familia?

— Abandonou-me, desherdou-me por causa da minha vocação.

— Será possível! E teu pae?

— Meu pae?... Não pronuncies esse nome diante de mim! Quiz obrigar-me a que me fizesse photographo!!!

PIERRE VERON

•••

Enigma eterno

Não sabemos o que é o grão de areia e queremos comprehender o Universo... Tudo nos mostra a implacavel miseria scientifica, e a loucura pueril do orgulho...

Sonhamos com a medulla viva da idéa... apenas encontramos pobres ossinhos de esqueletos... Nunca acharemos senão pobres ossinhos de esqueletos...

O mundo inteiro é do mysterio que se perpetua.

A Força, em que o enigma está gravado, não a dará nunca, porque esta Força é talvez o silencio universal das coisas...

Para comprehender um objecto, seria necessario ser este mesmo objecto. A identificação — este sonho impossivel — é a unica sciencia e a unica consciencia possiveis.

*

A logica das impulsões.

O instincto ou a impulsão não passa de um sentimento vago, um estremecimento sem valor especulativo que continúa e se liga de geração em geração.

O espirito, este esplendor essencial do verdadeiro, nada tem que ver com isso.

Temos muito fluido ancestral em nós. Seria maravilhoso uma alma que nascesse, sem lampejos do passado, sem preconceitos, sem lembranças, inteiramente integra, virgem e visionaria, no que se chama a civilização moderna!

Sentir-se-ia com espanto que o illogismo preside a vida, como o mundo rola atôa, através do erro — tal como o oceano através do oceano.

O Universo não é o Verdadeiro em acção, o Universo não é senão o Real em acção, o Accidental em acção, talvez mesmo o Illusorio em acção. Nós estamos longe da Chimera que é para nós o Verdadeiro ideal, o Possivel ideal, o Imperfectivel ideal.

*

Sim; diante da idéa pura, diante da verdade absoluta, nossos instinctos são ainda prejuizos.

Toda a carne que nasce é já a carne de tal ou tal alma, de tal ou tal impulsão, de tal ou tal erro.

A Allegoria antiga é bem limitada! A Verdade não sahe de um poço; a Verdade soluça no fundo de um eterno abysmo...

Se pudessemos vel-a, como ella é, teriamos pupilas de deuses, e talvez morressemos de extasis ou de espanto.

*

Para olhos humanos, para estes pobres olhos humanos tão cegos, tão fracos e tão resignados! o ser e o parecer são dois phenomenos identicos.

Os olhos humanos não o sabem. Nós só podemos crer... crer, isto é, duvidar, aspirar para uma convicção, terna, sceptica, para uma claridade que seja total.

Mas a illusão não é da mesma cor para a vida e para o ceu.

Ha sempre em todas as coisas, por menos que ella seja — enigmas sobre um enigma — almas de emprestimo, todo um reflexo d'almas, todo um tremor d'almas, toda uma poeira infinita de almas.

*

O passado é apenas um vasto fermento perpetuo. E é tão simples que me parece infantil.

A PREFERIDA

— Expões algum?

— Ainda não, mas tenho tempo. Sei que obedeço á minha vocação, e que valho mais que toda essa gente.

— Continúas a pintar coveiros?

— Coveiros!... Ah! sim... lembro-me agora. Não, meu caro, reconheci que a verdade existe unicamente na paizagem; a natureza, essa não engana nunca. E' uma verdadeira amiga. Vivo nos bosques, trato por tu as arvores. Quero ensinar o publico a conhecê-las, porque o publico não as conhece. Tu mesmo não suppões o que seja um carvalho; não suppões, não. Será uma revelação!

— E isso para que epoca?

— O tempo não faz nada ao caso.

— D'esta vez és, pois, definitivamente paizagista?

— Pois se é essa a unica, a grande, a eterna verdade!...

Adeus! Esperam-me os meus bosques.

Dezoito mezes depois, recebia eu a seguinte carta:

“Meu caro amigo,

“Queres prestar-me um pequeno auxilio? E' escusado dizer-te que é da arte que se trata. Tu foste um dos primeiros que viram revellar-se a minha vocação. Agora entreguei-me ao retrato, porque é na figura humana que se podem surpre-

hender os grandes segredos do immutavel e do infinito. Vou arriscar um lance decisivo. Pódes tu resolver um homem conhecido a confiar de mim, durante algumas sessões, a sua cabeça? Encarrego-me de o transportar para a posteridade.”

Eu não respondera a esta missiva, e esquecera Aristides, quando a semana passada, ao percorrer a rua dos Santos Padres, fui esbarrado por um homem que descia de um cavallete.

— Eh! arrede-se! exclamou elle bruscamente. Bem se vê que tenho de recuar para ver o effeito das minhas uvas...

— Oh! esta voz...

O homem voltou-se. Era Aristides, que estava pintando a taboleta de um armazem de vinhos.

Fiquei um tanto atrapalhado, mas elle exclamou, com a mais profunda convicção.

— E' verdade, meu caro, quero humilhar esse jury que me desconhece ha vinte annos! Todos os meios são bons, comtanto que se produzam obras primas... Se passares pela Avenida d'Antiu, olha para a taboleta de um restaurant que ali ha. Costelletas pannadas e hortaliças que fazem embasbacar os transeuntes.

— Pois que, meu pobre amigo...

CHRONIQUETA

Rio, 7 de Maio de 1894.

Politica. — Cavaco do chroniquetista. — Embaraço. — A companhia lyrica. — Castagnetto.

Uma leitora da *Estação* escreveu-me uma cartinha cheirosa e delicada, que vou guardar carinhosamente entre os meus papeis mais preciosos, dando-me o conselho de não me occupar absolutamente de assumptos politicos nestas columnas.

O conselho é sensato, pois taes assumptos realmente não servem para entreter senhoras, mas como escrever vinhar chroniquetas na actualidade sem polvilhal-as com a canela da politica? Pelo amor de Deus! hoje nesta terra só se respira politica, só se falla em politica, só se pensa em politica! Não ha meio de fugir d'ella!...

Demais, eu não fallei precisamente de politica; essa coisa entra nos meus escriptos como Pilatos no Credo. Entre as asneiras que tenho commetido durante a minha existencia não figura, graças a Deus, a de me ter feito politico.

Rebentou no paiz uma revolta desorientada, estúpida, inexplicavel, sem ideal, sem motivo, sem rasão de ser; eu entendi que era um dever de patriotismo combatel-a, e fil-o com a minha penna, o mais que pude, visto que nunca me ageitei com armas de outra especie, nem houve quem appellesse para o meu valor marcial.

Censurar a desordem, a illegalidade, a malvadez não é politica. Entendo que cumpri simplesmente o meu dever, e que a isso não me podia furtar, uma vez compromettido a glozar os factos que se dessem nesta cidade.

Não! não sou politico, nem estas chroniquetas o são. Por signal que não peço a attenção das leitoras para as sessões preparatorias das Camaras, nem me intrometto na discussão que provocam as eleições de Pernambuco e outras, nem dou o meu juizo sobre a questão das armas municipaes, pois vejo ainda uma nesga de politica nas famosas settas de S. Sebastião.

*

Entretanto, creiam as leitoras que, pondo de parte a politica, o chroniquetista vê-se devêras embaraçado para encher algumas tiras de papel...

Passando em revista os acontecimentos da quinzena, elle apenas encontra pretexto para uns parabens e um convite: parabens pela proxima vinda da companhia lyrica italiana de que é empresario o Mancinelli (ignoram-se os motivos que o levaram a praticar esse acto de desespero) e convite para a exposição dos quadros do Castagnetto, ha dias inaugurada na Escola Nacional de Bellas Artes.

Contemplar aquelles deliciosas marinhas, pintadas com tanto talento e impugnadas de tanta poesia, é uma consolação nesta epoca de agitação politica.

Castagnetto é um pintor que nos honra: conto que a Escola Nacional de Bellas Artes adquira alguns dos quadros expostos, pois esse é o unico meio de ficarem elles pertencendo a todos nós, que admiramos e amamos o artista.

ELOY, O HERÓE.

~~*

ECONOMIA DOMESTICA

Meio de destruir os callos nos pés

Pelos tempos humidos que vão começar, quem não soffre de callos? Os que não soffrem são raros.

Para se desembaraçar de tão incommoda enfermidade, ha um processo muito simples.

Corta-se uma pedra-pomes em forma de lima; esta lima é em seguida mergulhada em uma solução de carbonato de potassa. Com esta especie de instrumento, fricciona-se o calo: vê-se suas diferentes camadas se destacarem successivamente.

A operação pratica-se, até que uma sensação de cocega se denuncie.

Tornando-se a fazer de tempo em tempo esta innocente manobra, chega-se facilmente a se evitar qualquer dor.

E' importante evitar passar a lima sobre as partes visinhas; sem esta precaução a pelle seria promptamente atacada pela agua de potassa que então em vez de remediar um mal — apenas seria causa de um novo soffrimento.

Tudo

Vamos cantar o Sol, ó minha amada!

— Niagaras de luz! Festa completa! —

Ora vê tu que esmola abençoada

P'ra o pobre coração do teu poeta!...

Vamos cantar o Sol, ó minha amada!

— Cantar... quero dizer

Ir passear e rir por essa estrada

Até o mundo, emfim, nos esquecer!

Que p'ra fartar o espirito sedento

De tudo quanto é bello e que é radioso

Só arrancar o coração sangrento

E arremessal-o ao 'spaço luminoso!...

*

Que momento de luz! — Senha-te e escuta

Que vou fazer aciencia aqui contigo...

Tu sorrís? Pois não deves, que era a fructa

Do Paraiso antigo...

Socega... Finge só que estás a ouvir

E a tua alma de azas de oiro, amor!

Deixa voar ao longe, deixa-a ir

A procurar um ninho em cada flôr!

*

Vou-te fallar do Sol. — Não sabes tudo

O que lhe deves e eu e todos nós...

Não é somente o manto de velludo

Que aquece a terra na invernia atroz;

Nem é somente a pavida cratera

Que abrazando de fogo, o céo, além,

Vem temperar a fresca Primavera,

E não é só tambem

O prodigioso astro que dá luz,

A vida, a força energica, o calor...

A alma que produz

O Genio redemptor...

Elle é ainda mais, é mais do que isto;

Faz mais do que dar pão e que dar vinho...

— E' doce como Christo

E não lhe esquece um raio a cada ninho!

Da á materia a parte que é devida;

Ao 'spirito, esplendor...

E além de ser o nosso Deus da Vida

Elle é tambem o nosso Deus do Amor!

*

O nosso Deus do Amor! — O' minha amada!

Quanto lhe deves tu, pomba, mimosa!

Foi elle, que te quer como á alvorada,

Quem te tingiu as faces côr de rosa...

Foi elle que accendeu, com fogo tanto,

Esses teus olhos vivos de mulher,

Que lhes deu essa luz com esse encanto

Que me veio depois enlouquecer...

Elle gira em teu sangue — ouve, repara! —

Com a ardencia nativa...

D'elle te vem essa elegancia rara,

Tão depressa, quebrada, como altiva!

Faz-te elle bella assim, para eu te amar

E' elle que palpita, seductor,

Na ternura ideal do nosso olhar,

Dos nossos beijos no febril ardor!...

*

Vê tu como elle é bom!

— Agora vamos...

Deixar voar, voar... sempre voar

A ave da alegria pelos ramos

Das arvores que estão a suspirar...

Que esta alegria, vê,

Vivaz e contagiosa e inexprimivel,

Tambem do Sol nos vem, do Sol que a fez

Do sangue do seu peito inexaurivel...

*

Já vejo o entusiasmo, vivo e terno,

Em teus olhos brilhar!

Cantamos — é o seu fogo heroico e eterno!

Vivemos — é o calôr do seu olhar!

*

Cantemos pois o Sol ó minha amada!

— Niagaras de luz! festa completa! —

Ora vê tu que esmola abençoada

P'ra o pobre coração do teu poeta!

MAYER GARCÃO.

Da *Revista Illustrada*, de Portugal.

Um chocolate...

Não é precisamente uma historia novinha em folha, a historia que lhes trago hoje; póde mesmo dizer-se que é velha, mas em compensação parece-me bôa e é authentica.

Passou-se com um dos actores comicos mais illustres que tem havido em Portugal, cuja morte foi ha annos muito chorada, e cuja falta ainda não foi preenchida no nosso theatro e nos cavacos dos bastidores; nessa permuta quotidiana de aneddotas e historietas com que nos camarins se mata o tempo dos intervallos, essa historia apparece a miudo no meio de um cortejo de gargalhadas.

E não obstante a historia é tudo o que ha de mais simples.

O logar da scena foi um dos botequins mais macacos de Lisboa, um café de *lepes* a Mouraria.

O actor celebre em questão tinha acabado de representar e ia seguidamente para sua casa.

Encontrou um amigo velho, que o desafiou para ir tomar uma chavena de chocolate.

— Vamos lá!

E os dois encaminharam-se para o botequim que encontraram mais perto.

Entraram: bateram as palmas e mandaram vir duas chavenas de chocolate.

— Chocolate para dois! gritou na sua musica habitual o moço do botequim.

Os dois amigos assentaram-se a uma mesa e começaram a conversar, esperando o chocolate.

Por fim o chocolate veio.

— Chocolate para dois! prompto! disse o moço, pondo em cima da mesa as duas chavenas cheinhas até transbordar.

Estava appetitoso o diabo do chocolate, e o amphitrião, o que convidara o grande actor, não esteve com cerimonia e levou logo á bocca a chavena.

O chocolate porém vinha a ferver e escaldou-o a ponto de lhe fazer rebentar as lagrimas pelos olhos.

O actor reparou nessas lagrimas e perguntou-lhe muito admirado:

— O que foi isso? Tens alguma coisa?

— Não tenho nada, respondeu o outro, não querendo dar o braço a torcer, para que o seu amigo cahisse na mesma escaldadela.

— Mas tens os olhos cheios de lagrimas, insistiu o actor.

— E' que quando tomo chocolate lembro-me sempre da minha mãe, coitadinha, que gostava muito desta bebida.

— Ah! coitada! diz o grande actor sinceramente, levando por seu turno aos labios a chavena do chocolate.

Idem, idem — a mesma queimadela, e os olhos logo rastos de lagrimas, como o outro, que a escaldadela era das valentes!

— Tens alguma coisa? perguntou-lhe o amigo ironicamente, desfructando-o.

— Não tenho nada!

— Mas tens os olhos cheios de lagrimas, insistiu muito trocista.

— E' que estava a pensar que és uma cavalgadura.

GERVASIO LOBATO.

~~*

Jesus

— Mas, finalmente, quem é esse homem?
— Diz que é filho de Deus, respondeu Annas á formosa Magdalena, que é rei, quer abolir o sabbado e a lei de nossos paes. Curou paralyticos e lepr. sos n'esse dia por meio de praticas más.

— Quero vê-lo, replicou a bella peccadora.

E Bar Abbas promptificou-se a trazer aquelle que Pilatos considerava como um louco e que era um revolucionario.

No dia seguinte voltava Bar Abbas.

— Então?

— Não me atrevi.

— Porque?

— Estava prégando. E ouvi-lhes estas palavras: « Eu sou o pão descido do céo, ninguem subiu ao céo senão aquelle que d'alli desceu; aquelle que vem do alto está ao de cima de todos ».

Ideal-Ignoto

A PROPOSITO DE DOIS SONETOS DE AMELIA R. A. C.

Que tu amas *alguem* estou bem certo,
Pois tenho a prova nos teus dois sonetos,
Não me queiras negar, que eu sou esperto
De mais, p'ra ver que estão de amor replectos.

Como o *Ideal*, o *Ignoto* é livro aberto
Onde se lêem os cantos predilectos
De um triste amante cujo amor incerto
Consome a vida toda nos tercetos...

Mas não te embriagues, não, poetisa bella,
Não te canses assim de tal maneira
Para gosar da luz daquella estrella;

Pois, si és mulher, é grande celebreira
Amar outra mulher, si és homem, ella
Por certo extranhará tal brincadeira!

ROBERTO, o esperto.

16 de Abril de 1894.

MOSAICO

A Dudú

Terra e mimosa flor!
Teu pequenino ser de aromas feito
Encerra tanto amor,
Tanta doçura e encanto que meu peito,

Expande de alegria.
Tens a belleza pura e peregrina,
Tão cheia de magia...
Tu, com certeza, devias ser menina!

E nesse teu olhar,
Tão limpido, de fúlgidos lampejos,
Só deve se encerrar
A multidão sem fim dos meus desejos.

J. CABRALINO

O patrão, tirando um charuto da caixa, e voltando-se para o creado:
— Fumas, João?
O creado, muito ufano:
— Fumo, sim, senhor.
— Bem; já sei que tenho de fechar os charutos á chave.

AS NOSSAS GRAVURAS

Flores e fructos

Esta gravura é a reprodução de uma das mais celebres aquarellas do insigne pintor Klein.
É de uma verdade admiravel e de uma delicadeza de desenho que faz honra ao autor.

A preferida

A preferida é aquella bonita vacca que alli está, acudindo pressurosa ao chamado da lavadeira, sua extr-mosa amiga que sempre lhe faz festas e sempre tem alguma coisa a dar-lhe.

É esta a preferida, a docil, a meiga vaquinha que apesar de ser animal, tambem tem coração e sabe ser agradecida a quem a estima.

Canção guerreira

Foi depois de alguma farta e variada refeição, entre pessoas de distincção.
Era preciso cantar alguma coisa e nada poderia ser mais agradável aos convivas do que uma canção que fizesse lembrar as glorias da patria.
Ella canta e elle a acompanha ao violão.
No extremo da mesa o velho, talvez um velho militar, ouve emocionado as bellezas da musica.
O quadro é de Grison.

DELETTREZ
EM PARIS
INVENTOR DA NOVA
PERFUMARIA
extra-fina
DE
AMARYLLIS
DU JAPON

Recommandada pelas Celebidades Medicas

Sabonete... de AMARYLLIS DU JAPON
Pó de Arroz... de AMARYLLIS DU JAPON
Essencia... de AMARYLLIS DU JAPON
Água de Toucador... de AMARYLLIS DU JAPON
Vinagre de Toucador... de AMARYLLIS DU JAPON
Oleo para os Cabellos... de AMARYLLIS DU JAPON
Brilhantina... de AMARYLLIS DU JAPON

AGENCIA
DE
ASSIGNATURAS DE JORNAES ESTRANGEIROS

LIVRARIA
Especialidade em novidades estrangeiras

PAPELARIA
Sortimento luxuoso e completo de tudo que concerne a este negocio.

COMMISSÕES
Casa de compras em Paris e agentes em Londres, Berlim, Bruxellas, Milão, Madrid, Lisboa e New-York.

H. LOMBAERTS & C.

TYPOGRAPHIA
Importante officina caprichosamente montada, apta para executar qualquer trabalho.

LITHOGRAPHIA
Especialista em chromos, retratos, registros, mapas, etc.

ENCADERNAÇÃO
Uma das mais importantes e das mais acreditadas officinas do Rio de Janeiro.

CORREIO: CAIXA M — TELEPHONE: 204
TELEGRAPHO: LOMBAERTS

7, RUA DOS OURIVES, 7

L. T. PIVER em PARIS
IMPORTADOR DA
NOVA PERFUMARIA Extra-fina

CORYLOPSIS DO JAPÃO

SABÃO... ao CORYLOPSIS do JAPÃO pó de arroz... ao CORYLOPSIS do JAPÃO
EXTRACTO... ao CORYLOPSIS do JAPÃO BRILHANTINA... ao CORYLOPSIS do JAPÃO
ÁGUA TOUCADOR ao CORYLOPSIS do JAPÃO OLEO... ao CORYLOPSIS do JAPÃO
LOTION... ao CORYLOPSIS do JAPÃO POMADA... ao CORYLOPSIS do JAPÃO

日本薬房

XAROPE DE DENTIÇÃO
do Dr DELABARRÉ

Xarope sem narcotico recommendado ha ja 20 annos pelos medicos. Facilita a sahida dos dentes, evita ou faz cessar os soffrimentos e todos os accidentes da primeira dentição.

Exija-se o Carimbo official e a assignatura Delabarre.

FUMOZE-ALBESPEYRES, 78, Faubourg Saint-Denis, Pariz e em todas as pharmacias

PAPEL E CIGARROS ANTI-ASTHMATICOS
de Bⁱⁿ BARRAL

Recommandados pelas summidades medicas. Preparações muitissimo efficazes para a cura da ASTHMA, das OPPRESSÕES, das ENXAQUECAS, etc. 53 ANNOS DE SUCCESOS.

FUMOZE-ALBESPEYRES, 78, Faubourg Saint-Denis, Pariz e em todas as pharmacias.

NUNCA APPLIQUE-SE UM VESICATORIO SEM SE TER O VESICATORIO DE ALBESPEYRES

o MAIS EFFICAZ e o MENOS DOLOROSO de TODOS os VESICATORIOS
Exija-se a Assignatura ALBESPEYRES no LADO VERDE
FUMOZE-ALBESPEYRES, 78, Faub. St-Denis, PARIS
E AS PRINCIPAES PHARMACIAS.

PILULAS DE BLANCARD

APPROVADAS PELA ACADEMIA DE MEDICINA DE PARIS

Resumem todas as Propriedades do IODO e do FERRO.

40 Rua Bonaparte PARIS



Estas Pilulas são de uma efficacia maravilhosa contra a Anemia, Chlorose e todos os casos em que se trata de combater a Pobreza do Sangue.

SABONETE RIFGER
PHENICO e GLYCERINADO

Maravilhosa descoberta approvada pela Inspectoria Geral de Hygiene

Este sabonete, que representa o maior esforço da sciencia, tem feito grande revolução pela acção que recebeu em todas as partes do mundo em que tem sido usado. O consideravel numero de pessoas que d'elle tem usado, confirma a superioridade d'esta combinação scientifica, collocando-o entre os primeiros dos sabonetes medicinaes até hoje descobertos pela sciencia moderna.

Este maravilhoso sabonete faz desaparecer em poucos dias as manchas e espinhas do rosto, sardas, caspa, empigens, d'arthros e erupções da pelle, deixando-a macia e avelludada, dando-lhe especial belleza, sendo além d'isto um seguro preservativo das molestias epidemicas, em virtude da acção benefica do acido phenico que entra em sua composição.

Milhares de attestados de pessoas insuspeitas e de abalizados clinicos affirmam sua efficacia.

Preço: duzia, 15\$; um, 1\$500; caixa de 3, 4\$

DROGARIA CARVALHO FILHO & C.
32, RUA DE S. PEDRO, 32